

ENTREVISTA COM TAIASMIN OHNMACHT

INTERVIEW WITH TAIASMIN OHNMACHT

ENTREVISTA CON TAIASMIN OHNMACHT

Taiasmin Ohnmacht¹

Resumo: Nesta edição da *SIG Revista de Psicanálise*, contamos com a participação de Taiasmin Ohnmacht como nossa entrevistada. Escritora, psicanalista e psicóloga, Taiasmin é autora de uma série de livros que transitam entre a literatura e a produção teórica. Em sua obra, apresenta reflexões potentes sobre as relações étnico-raciais, convidando o leitor a pensar criticamente sobre a forma como a sociedade se organiza a partir de um conjunto de regras que nos atravessam e buscam padronizar e universalizar discursos e culturas. Trata-se de uma gramática única que hierarquiza, exclui e violenta, conforme ela desenvolve em seu livro *Também existem os tambores: outras gramáticas entre racialidade e psicanálise*. Nesta entrevista, Taiasmin aborda sua trajetória formativa, destacando a ausência da temática da racialidade nesse percurso, o que evidencia a histórica carência de debates sobre o tema e sobre as políticas raciais. A autora também discorre sobre a intervenção no nível do discurso social, articulando-a às noções de racismo estrutural e institucional e demarcando implicações éticas fundamentais para o próprio fazer psicanalítico.

Palavras-chave: Racialidades. Relações étnico-raciais. Racismo.

*Abstract: In this edition of the SIG Revista de Psicanálise, we feature Taiasmin Ohnmacht as our interviewee. A writer, psychoanalyst, and psychologist, Taiasmin is the author of a series of books that move between literature and theoretical production. In her work, she offers powerful reflections on ethnic-racial relations, inviting the reader to think critically about how society is organized through a set of rules that traverse us and seek to standardize and universalize discourses and cultures. This constitutes a singular grammar that hierarchizes, excludes, and inflicts violence, as she develops in her book *Também existem os tambores: outras gramáticas entre racialidade e psicanálise*. In this interview, Taiasmin discusses her educational trajectory, highlighting the absence of the theme of raciality in this process, which reveals the historical lack of debate on the subject and on racial policies. The author also reflects on intervention at the level of social discourse, linking it to the notions of structural and institutional racism and outlining fundamental ethical implications for psychoanalytic practice itself.*

Keywords: Racialities. Ethnic-racial relations. Racism.

Resumen: En esta edición de la SIG Revista de Psicanálise, contamos con la participación de Taiasmin Ohnmacht como nuestra entrevistada. Escritora, psicoanalista y psicóloga, Taiasmin es autora de una serie de libros que transitan entre la literatura y la producción teórica. En su obra, presenta reflexiones potentes sobre las relaciones étnico-raciales, invitando al lector

¹ Psicanalista, psicóloga e escritora. Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura (Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS). Pós-graduada em Assessoria Linguística e Revisão Textual (Faculdade Porto-Alegrense — FAPA). Supervisora clínica e conselheira do Projeto Gradiva. Autora e organizadora de diversos livros e artigos publicados em livros e revistas psicanalíticas. Vencedora dos prêmios Açorianos e Ages. Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e semifinalista do Prêmio Jabuti. ORCID: 0000-0002-6160-9464.

a pensar críticamente sobre la forma en que la sociedad se organiza a partir de un conjunto de reglas que nos atraviesan y buscan estandarizar y universalizar discursos y culturas. Se trata de una gramática única que jerarquiza, excluye y violenta, tal como desarrolla en su libro También existem os tambores: outras gramáticas entre racialidade e psicanálise. En esta entrevista, Taïasmin aborda su trayectoria formativa, destacando la ausencia de la temática de la racialidad en ese recorrido, lo que evidencia la histórica carencia de debates sobre el tema y sobre las políticas raciales. La autora también reflexiona sobre la intervención en el nivel del discurso social, articulándola con las nociones de racismo estructural e institucional y señalando implicaciones éticas fundamentales para la propia práctica psicoanalítica.

Palabras clave: Racialidades. Relaciones étnico-raciales. Racismo.

– 1) COMO AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO, PESQUISA, CLÍNICA E CIRCULAÇÃO EM ESPAÇOS COMUNITÁRIOS MARCARAM SUA MANEIRA DE PENSAR A RACIALIDADE NA PSICANÁLISE?

A minha formação passou por estudos de psicanálise e política, o que de algum modo contribuiu para as pontes que procuro construir com as relações étnico-raciais, mas, de um modo geral, se a formação deixou alguma marca com relação à construção de minhas reflexões sobre racialidade, foi pela ausência do tema. O que corresponde ao modo como foi se constituindo a história oficial da psicanálise no Brasil. Digo “oficial” porque sempre há algo outro acontecendo, ou seja, falar de A Psicanálise é marcar uma unidade que talvez só seja possível enunciar quanto às suas origens freudianas. Dentre a diversidade das produções no campo psicanalítico, pelo menos desde a década de 80 do século passado temos produções que abordam a questão racial, isso sem contar as produções da sociologia e da antropologia, campos com que a psicanálise historicamente dialoga e que já investigam a questão racial há mais tempo. Mas acredito que o estudo da história, sobretudo da história do Brasil, na perspectiva dos historiadores que questionam a história oficial, tenha sido a maior influência no modo como compreendo racialidade e psicanálise.

Já o meu retorno à academia, em nível de mestrado, foi fundamental na minha formação. É lá que começo a investigar e a me apropriar da temática racial e a ter contato com outras epistemologias. Estar no Sopapo Poético, local de meu campo de pesquisa, me trouxe experiências que causaram um forte impacto não só no campo do conhecimento, mas também em minha subjetividade. Além disso, foi uma época de grande efervescência no meio acadêmico devido às transformações movidas pelas ações afirmativas. Essa trajetória acadêmica foi determinante para o modo como abordo o tema até hoje.

– 2) DIANTE DE REGIMES DE INVISIBILIDADE/HIPERVISIBILIDADE QUE ATRAVESSAM A IMPRENSA, REDES E SISTEMAS ESCOLAR E JURÍDICO, O QUE SIGNIFICA INTERVIR NO NÍVEL DO DISCURSO SOCIAL?

Acredito que pensar nos enlaces entre estética e política nos ajude a tecer melhores reflexões a respeito. Há uma violenta associação feita entre a maior ou menor legitimidade em ocupar e em como ocupar o espaço público e a raça. Raça, como compreendida no Brasil, diz respeito a traços que aproximam ou afastam dos ideais da branquitude. Neusa Santos Souza, em seu texto “O estrangeiro: nossa condição”, aborda os vários deslizamentos do Outro, esse íntimo estrangeiro que nos habita e que só se afigura como imagem quando vem de outro lugar, até chegar ao Outro da norma, aqui entendida como fálica e eurocêntrica.

Segundo o filósofo francês Jacques Rancière (2009), a política, tanto quanto a estética, são formas de organizar o sensível, pois constituem inteligibilidades a partir do que se dá a ver, de modo que uma democracia que assim possa ser compreendida precisa permitir que a multiplicidade de manifestações encontre lugar.

Freud, em seu artigo *O estranho* (2006), começa situando a temática como estética e ressalta que a estética não diz respeito apenas à fruição do belo, mas às qualidades do sentir.

Estética é uma palavra que vem do grego *aisthesis*; tem como significado o ato de perceber, de notar.

Já que o racismo toma o corpo negro como marcador social, é importante que o próprio negro e sua fala — e toda fala também é corpo, como atesta a própria psicanálise — quebrem, subvertam os estereótipos.

Intervir no nível do discurso social é proporcionar que a palavra circule, suportar uma nova partilha do sensível, conforme Rancière propõe, e, mais ainda, suportar o mal-estar que o encontro com esse Outro suscita.

Encerro com uma citação de Santos:

Contra os racismos de todas as cores, de todos os sexos, de todas as crenças, de todas as línguas, de todas as culturas, de todos os países, contra esse horror, que nos valha o estrangeiro — o estrangeiro de toda parte, o estrangeiro de exterior e do interior de nós mesmos (Souza, 1998, p. 163).

– 3) COMO FAZER A PSICANÁLISE DIALOGAR COM POLÍTICAS PÚBLICAS SEM PSICOLOGIZAR O SOCIAL NEM REDUZIR CONFLITOS A “CASOS INDIVIDUAIS”? QUE DISPOSITIVOS INSTITUCIONAIS VOCÊ CONSIDERA POTENTES E QUE INDICADORES PERMITEM VERIFICAR MUDANÇAS DE DISCURSO E DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS?

Penso que a noção de racismo estrutural e institucional seja fundamental para a compreensão da complexidade do tema e de como ele opera. Essa noção nos ajuda a refletir sobre as modalidades de sofrimento e o laço social. Há autores que situam o racismo como uma articulação entre o discurso do mestre e o discurso universitário. Vou partir daí para falar algo que é próprio da ética da psicanálise: para a psicanálise, sempre que um discurso “sabe” sobre um sujeito, o que se produz ali é alienação. Então, uma pergunta possível para as instituições é: quem ali está falando e quem é falado? O que não deixa de ser uma pergunta sobre como o lugar de enunciação está circulando, e em que situações ou para que sujeitos ele não circula.

Mas, no campo das políticas públicas, há psicanalistas que vêm avançando em trabalhos muito interessantes e que merecem ser muito lidos, como o Emiliano Camargo David, o José Damico e a Andrea Guerra. Desta última, destaco as publicações coletivas da coleção Decolonização e Psicanálise (n-1 edições).

– 4) QUE CRITÉRIOS VOCÊ CONSIDERA FUNDAMENTAIS PARA DISTINGUIR ABERTURA CLÍNICA DE EXOTIZAÇÃO OU APROPRIAÇÃO?

Muito falo da práxis da psicanálise, mas tenho pensado que talvez estejamos em um momento anterior, em que seja mais importante falar dos psicanalistas. É certo que a psicanálise não se faz sozinha, é preciso haver psicanalistas para haver psicanálise, mas acho importante, neste ponto, fazer essa distinção, porque a exotização e a apropriação vêm na esteira da pouca reflexão sobre racialidade, do pouco ou mesmo do ausente estudo sobre as políticas raciais do país. Ainda é pouco frequente que pessoas identificadas como brancas vejam a si mesmas como racializadas. Se o psicanalista não se implica racialmente, a tendência é que veja apenas o outro como alguém que tem raça; isso mantém a si mesmo no lugar do universal.

O risco, nesses casos, é se servir da psicanálise para a prática do que chamo de novas colonizações. A abertura clínica é sempre uma abertura à alteridade, ou não há qualquer abertura, restando apenas a continuidade de uma relação — neste caso, terapêutica — sustentada na hierarquização de culturas e raças.

– 5) NA SUA OBRA, COMO VOCÊ DIFERENCIA E FAZ CONVERSAR A ESCRITA LITERÁRIA E A ESCRITA TEÓRICA? O QUE CADA UMA PERMITE ESCUTAR E DIZER?

Ambas bebem das mesmas fontes de minhas reflexões teóricas e percorrem caminhos coincidentes em mim, mas têm, sim, diferenças no modo como essas escritas são conduzidas. A escrita literária permite uma incursão mais radical pela utopia. É o lugar do sonho e do pesadelo. Na escrita literária, me sinto livre para explorar possibilidades imaginativas até o limite de meu interesse ou de minhas possibilidades. E, embora, como todo escritor, escreva para ser lida, não há uma grande preocupação em ser entendida ou em comunicar exatamente uma ideia. Sim, tenho objetivos ao escrever um romance ou um conto, mas nem sempre é o de transmitir uma ideia; o objetivo final pode ser o de transmitir uma sensação.

No caso da escrita teórica, há uma real busca em transmitir as articulações entre práxis, teoria e campos de conhecimento que vou fazendo. A referência e a “conversa” com outros autores são constantes; é sempre uma escrita dialógica e dirigida para um público específico. Não há tanta liberdade quanto nos textos literários, nem tanta ousadia. Então, diria que são textos com limites mais delineados.

Muitos de meus textos literários poderiam ser assim explicados: partem de um “e se isso for ou fosse possível, onde nos levaria?”. No caso da escrita teórica, é mais ou menos o seguinte: penso que precisamos considerar tal hipótese; nesse caso, qual o motivo de precisarmos considerá-la e que implicações isso traz.

Ainda que na tentativa de dizer, mesmo nos textos teóricos eu faço uso de recursos literários, como aliteração, neologismos e metáforas, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. O estranho. In: FREUD, S. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 275-314 (Obra original publicada em 1919).
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SOUZA, N. S. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAL, C. (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998.